

A utilidade de uma perícia - Parte 2

A partir do no chamado Heptâmetro de Quintiliano, é possível ampliar os objetivos da criminalística para perguntas que auxiliam na busca por respostas factuais sobre os crimes



Cássio Thyone Almeida de Rosa
26 de maio de 2020

O TEMPO/FOLHAPRESS



Perícia em MG: maioria dos casos apresenta os corpos das vítimas localizados exatamente no próprio local onde os fatos tiveram seu desenvolvimento e desfecho

No último artigo desta coluna abordamos [os quatro objetivos reconhecidos na criminalística como clássicos e basilares](#), e que nos orientam quanto à questão maior que é a seguinte: "Para o que serve uma perícia de local de crime?"

Nesse sentido, nossas análises recaíram sobre a busca de três questões: "O que? Quem? e como?". Cada uma está relacionada a um dos objetivos, sendo que a questão associada à segunda pergunta (Quem?) pode referir-se a dois polos: a busca da autoria do delito, e assim nos remeter a quem cometeu o crime, ou ainda estar associada à resposta em busca de quem é a vítima.

Mas podemos ampliar os objetivos da criminalística para outros quatro possíveis, pensando no chamado *Heptâmetro de Quintiliano*, originalmente composto por sete questões básicas que permitem considerar algo factual: que? quem? como? quando? onde? com quê auxílio? e por quê?

Esta é, sem dúvida, uma forma mais moderna, ou talvez pós-moderna, de abordar os objetivos da atividade pericial num local de crime, e por extensão os objetivos da própria Criminalística.

O quinto objetivo passa a ser então aquele associado à pergunta "Quando?". Neste sentido, a área forense, desde os primórdios, buscou aproximar-se de uma resposta cada vez mais exata na seara do que denominamos parâmetros cronotanatognósticos, ou em outras palavras, a busca pelo tempo de morte decorrido. São muitas as técnicas aplicadas, sempre em estreita observação e análise dos chamados fenômenos cadavéricos.

Medida da temperatura corpórea, verificação do processo de rigidez cadavérica, presença de livores fixos ou móveis no corpo e o emprego da fauna cadavérica aplicando as técnicas de entomologia forense (aqui os insetos e em especial as moscas são nossos maiores aliados) podem, dentre outros, oferecer uma estimativa de tempo decorrida desde a morte.

Lembre-mos daquela pergunta clichê que aparece nos filmes policiais direcionada a um suspeito interrogado: "*Onde você estava na hora exata da morte da vítima?*" Muito bem, o que a perícia tenta oferecer é a informação mais exata possível do momento da morte, para que a investigação tenha como cruzar essas informações.

A próxima e sexta questão a ser respondida diz respeito ao local onde o crime aconteceu. É a pergunta "Onde?", associada ao próximo objetivo a ser atingido. A maioria dos casos concretos apresenta os corpos das vítimas localizados exatamente no próprio local onde os fatos tiveram seu desenvolvimento e desfecho. Mas nem sempre é assim, restando à perícia responder com precisão se o crime ocorreu exatamente num determinado local ou se em local diverso e ainda, onde é esse local que passa a ser um local classificado como local relacionado.

Os vestígios empregados nessa atividade podem ser os mais variados possíveis, desde o sangue e do material genético (DNA), as impressões diversas (digitais, palmares, plantares, de solado de calçados, etc.), vestígios balísticos, dentre outros.

Uma das perguntas inseridas no *Heptâmetro de Quintiliano*, "Com que auxílio?", refere-se a possíveis coautores de um crime em específico. Muitas vezes, a perícia acaba por comprovar ou mesmo sugerir a possibilidade de mais de uma pessoa envolvida na execução do delito. Claro que essa busca também estaria incluída dentro do objetivo maior que nos responde à questão "Quem?", já abordada, mas do ponto de vista investigativo, tal aspecto não pode ser negligenciado, podendo ser considerado até mesmo um objeto em separado.

Da mesma forma, a resposta a uma outra pergunta, de caráter investigativo e probatório pode destacar mais um ponto relevante: a resposta à pergunta "Com quais meios?". Embora a apresentação de uma dinâmica parcial do evento já deva embutir esse aspecto pericial, a especificação de todos os meios empregados na consumação do fato é também de suma importância e pode ser destacado com um objetivo a ser buscado pelos profissionais na cena do crime.

Por fim, chegamos àquele que talvez seja o mais polêmico dos objetivos buscados, a resposta à pergunta: "Por quê?". A polêmica aqui diz respeito ao fato de que essa resposta está ligada a uma interpretação muitas vezes subjetiva e que depende essencialmente de ações investigativas que mostrem a chamada motivação do autor ou autores do crime.

Ocorre que, mesmo sem perceber, algumas vezes o perito, ao materializar a cena do crime e analisar os vestígios encontrados, adentrará a uma área muito particular: a dos vestígios comportamentais ou psicológicos. Tais vestígios representam a vontade e escondem as razões da psique daquele que comete o crime. Esta, porém é uma área nova, ainda pouco acessada pela maioria dos peritos, mas não deve ser ignorada.

Não sem razão John Douglas, renomado investigador que atuou no FBI, assim define a equação presente nesse processo investigativo: "Por quê? "Como" = Quem. Em outras palavras, encontre as razões e entenda como ocorreu o crime e você terá o autor. Deste mesmo instrutor, ao referir-se a crimes extremamente violentos, e aos crimes em série encontramos a frase: "*Para compreender um artista, é preciso olhar para sua obra. Para entender um criminoso violento é preciso olhar para seu crime*".

Cássio Thyone Almeida de Rosa

Graduado em Geologia pela UNB, com especialização em Geologia Econômica. Perito Criminal Aposentado (PCDF). Professor da Academia de Polícia Civil do Distrito Federal, da Academia Nacional de Polícia da Polícia Federal e do Centro de Formação de Praças da Polícia Militar do Distrito Federal. Ex-Presidente e atual membro do Conselho de Administração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

